

Das viagens contraculturais às viagens colaborativas:¹

**ativismo identitário e feminismo
interseccional em plataformas digitais**



Thaís Costa da Silva

Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca

Vinícius Andrade Pereira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Das viagens contraculturais às viagens colaborativas: Ativismo identitário e feminismo interseccional em plataformas digitais

Resumo

Traçamos neste artigo um paralelo entre a formação e articulação de redes de mulheres brasileiras que promovem viagens colaborativas com o estilo de viagem contracultural, que teve seu auge nas décadas de 1950 e 1960. Investigamos as formas de ativismo político em torno das mobilidades turísticas construídas nessas redes. Optamos pela realização de uma etnografia, com entrevistas em profundidade, observação participante e análise de plataformas digitais. Os dados empíricos são analisados à luz das teorias sobre os movimentos colaborativos e culturais e sobre o feminismo interseccional. Os resultados demonstram que as viagens colaborativas entre mulheres da atualidade se aproximam aos ideais contraculturais de liberdade, porém com contornos mais profundos quanto à interseccionalidade do feminismo e com o uso intenso de tecnologias digitais.

Palavras-chave: viagens colaborativas, contracultura, gênero, plataformas digitais, mobilidades turísticas.

De los viajes contraculturales a los viajes colaborativos: Identidad y feminismo interseccional en plataformas digitales

Resumen

En este artículo, establecemos paralelismos entre la formación y articulación de redes de mujeres brasileñas que promueven los viajes colaborativos y el estilo contracultural de viajar, que tuvo su apogeo en las décadas de 1950 y 1960. Investigamos las formas de activismo político en torno a las movilidades turísticas construídas en estas redes. Para ello, optamos por realizar una etnografía, para lo cual realizamos entrevistas en profundidad, observación participante y análisis de plataformas digitales. Los datos empíricos se analizan a la luz de las teorías sobre los movimientos colaborativos y culturales, y el feminismo interseccional. Los resultados muestran que los viajes colaborativos entre mujeres se acercan hoy a los ideales contraculturales de libertad, pero con una interseccionalidad más profunda en cuanto al feminismo y el uso intenso de las tecnologías digitales.

Palabras clave: viajes colaborativos, contracultura, género, plataformas digitales, movilidad turística.

From counter-cultural journeys to collaborative journeys: Identity activism and intersectional feminism in digital platforms

Abstract

In this paper, we draw parallels between the formation and articulation of Brazilian women's networks that promote community travel and the countercultural style of travel that flourished in the 1950s and 60s. We investigated the forms of political activism around the tourist mobilities constructed in these networks. We chose to conduct an ethnography, with in-depth interviews, participant observation and analysis of digital platforms. The empirical data are analysed in the light of theories on collaborative and cultural movements and intersectional feminism. The results show that women's collaborative travel today is close to countercultural ideals of freedom, but with deeper contours in terms of the intersectionality of feminism and the intense use of digital technologies.

Keywords: collaborative travel, counterculture, gender, digital platforms, tourist mobility.



Introdução

Os fluxos turísticos ao redor do mundo despertam certo fascínio na sociedade em um contexto global. Conhecer novas culturas, lugares e pessoas é, contudo, um privilégio que poucos usufruem. Mas, as reflexões sobre as viagens podem ser levadas a um patamar outro que não o do viés consumista inerente ao sistema neoliberal vigente. Dentre as inúmeras possibilidades de deslocamentos e experiências turísticas, vemos movimentos de resistência a um sistema, que reivindicam liberdade de comportamentos, práticas e acessos a tempos e espaços múltiplos. Como diria De Certeau (2007), seriam estes movimentos astuciosos, que buscam adentrar em caminhos, a princípio, impedidos ou negados pelas forças dominantes.

O turismo, assim, é atravessado por contextos políticos, econômicos e até mesmo artísticos. Arquitetado socialmente para servir de benesse às classes mais abastadas, o fenômeno foi se popularizando e ganhou as massas no século XX, como Lickorish e Jenkins (2000) explicam. A massificação, porém, é um processo de padronização que em pouco ressalta a potência social e cultural desta prática.

Seguindo um direcionamento bastante distinto das massas, estavam os jovens norte-americanos das décadas de 1950 e 1960, que desenhavam a partir de seus modos de viver e refletir sobre a vida e o movimento da contracultura, termo cunhado por Theodor Rosnak em 1969. Levantando as bandeiras da liberdade sexual e de rompimento com as opressões do sistema capitalista, esses jovens viam na 'estrada' um símbolo para um modo de viver alternativo. Neste período foi publicado

LAJE

v.4 n.1

p. 144-163

2025

ISSN: 2965-4904

DOI: 10.9771/lj.v4i0.70759

o livro *On the road*, de Kerouak (1957), onde ele narra suas experiências em viagens contraculturais.

No Brasil, esse movimento ganhou visibilidade no período da ditadura militar, que se estendeu entre os anos de 1964 a 1985. Kaminski (2018) explica que os jovens pregavam um estilo de vida alternativo, marcado pelas viagens de mochila que davam um tom imprevisível em suas vidas, frente à previsibilidade do sistema militar que os oprimia. Esse “estilo contracultural das viagens” se associa ao Tropicalismo, em que os artistas, principalmente os músicos, entoavam a revolução.

Nesse processo, no pós-guerra, o turismo passava a se massificar. A revolução das mochilas, no entanto, não se refere ao turismo de massa, mas a práticas específicas de viagem que em sua forma mais radical eram um modo de sair do sistema, uma crítica à sociedade e às instituições. Práticas estas que estavam diretamente ligadas, nas décadas de 1960 e 1970, aos movimentos de contracultura. (KAMINSKI, 2018, p.11).

Como a repressão a esses grupos era grande, por se posicionarem contra o sistema, muitos jovens tiveram que buscar exílio em outros países, levando o caráter das mobilidades a um nível migratório, além das viagens turísticas. Neste mesmo período houve um avanço do feminismo, onde as figuras femininas buscavam se distanciar das performances de gênero socialmente construídas e esperadas, como Kaminski e Vieira (2020) apontam. Figuras como Rita Lee e Gal Costa se destacaram no movimento contracultural, mas ainda eram minoria entre os homens neste meio musical.

Contudo, é curioso notar que, mesmo após o fim do período ditatorial no Brasil e com grandes mudanças nas práticas turísticas em um contexto global, esse movimento de resistência associado ao ato de viajar permaneceu. Não o nomeamos aqui como contraculturais, mas como colaborativos, seguindo uma ideia de coletividade, que embora fosse também fundamental dentre os jovens contraculturais, o termo segue hoje uma linha muito associada às tecnologias de informação e comunicação.

Tomando em perspectiva as inquietações vividas pela geração beat, em que jovens norte-americanos da década de 40 associavam o trabalho artístico a experiências sexuais, com o uso de drogas e a realização de viagens (CHAVES JUNIOR, 2013), refletimos sobre os novos contornos das práticas turísticas que muito se diferenciam dos padrões massivos que ganharam corpo no período da industrialização. Em especial, nos interessa investigar as articulações entre mulheres cis e transexuais, que incluem nestas reivindicações sua emancipação e a desconstrução de papéis sociais de gênero

e etnia a partir da formação de redes. Buscamos, assim, analisar as formas de ativismo identitário construídas pelas integrantes dessas redes, que têm como suporte as plataformas digitais para as suas interações.

Redes colaborativas e as influências do estilo de viagem contracultural

"Aos poucos a viagem foi me ensinando muitas formas colaborativas não só de viajar, mas de viver". A paulista e microempresária Marta de 29 anos no momento da entrevista, que atualmente mora no Rio de Janeiro demonstrou bastante satisfação ao se descrever como uma pessoa que preza por ações colaborativas. Ela acredita no movimento como algo que reverbera em melhores condições de vida para ela para a construção de uma sociedade melhor. O termo colaborativo vem sendo empregado em diversas práticas que priorizam o consumo coletivo e/ou compartilhado, envolvendo valores monetários ou variados tipos de permutas. Por vezes, essas práticas são exercidas como formas de evitar o mercado, minimizá-lo ou boicotá-lo, como Fournier (1998) explicita.

Contudo, ele participa também de um movimento atrelado a negociações mercadológicas, como um dos vieses construídos pela lógica neoliberal. Sua definição é muito plural e se intercepta com diversos outros termos que enfatizam um aspecto ou outro dessas práticas tomadas em conjunto, como o *sharing economy* (economia compartilhada), *gift economy* (economia da dádiva), *gig economy* (arranjos alternativos de emprego por plataformas), *access economy* (produção com benefícios ambientais), *on-demand economy* (trabalho por demanda), *we-conomy* (baseado na coletividade). Conforme Dredge e Gyimóthy (2017) ressaltam, essa prática em muito se intensificou em razão do uso de novas tecnologias de comunicação e informação, que permitiram desenvolver muitas das suas operações.

De modo geral, os ideais que corroboram estes movimentos possuem antecedentes de períodos bem anteriores à existência da internet e mesmo do computador. A teoria da dádiva, explicitada por Marcel Mauss em 1925 (2015), por exemplo, já apontava um sofisticado sistema de trocas e parcerias que movimentava a economia de diversos povos e que se aplicava a todos os tipos de sociedade, mesmo na contemporaneidade. No movimento contracultural, as viagens foram tomadas como símbolo de liberdade e resistência à opressão. Estava relacionada à ida a festivais de música, ao uso de drogas,

à liberdade sexual e à formação de uma rede de amizade (CHAVES JÚNIOR, 2013), atravessamentos que também podem ser notados nas redes colaborativas que têm na coletividade uma possibilidade que confere maior valor nas experiências de viagem.

A colaboração desponta então como uma forma de resistência ao turismo de massas, formato preponderante na sociedade global. Seja por valores políticos, ao buscar o bem-estar coletivo, ou mesmo pela simples busca de alternativas econômicas de deslocamento que possibilitasse o acesso às viagens. O entendimento do turismo como um mercado promissor na conjuntura capitalista do século XIX e XX se balizou nos ideais do próprio sistema que o consolidou. O individualismo, o consumo e a organização típica da modernidade levaram a um desenvolvimento do mercado de viagens padronizado e baseado na produção em escala (LASH; URRY, 1987).

Neste sentido, os viajantes contraculturais subvertem o sistema dominante das viagens ao prezar pelos deslocamentos que se distanciavam do ideal consumista estimulado pelas campanhas publicitárias. Eles levavam poucos pertences, pegavam muitas caronas para se deslocar, acampavam, viajavam em grupos e não usufruíam dos equipamentos e serviços turísticos oferecidos pelo mercado. Esse estilo alternativo de viagens era praticado especialmente pelos jovens estadunidenses, mas que vigorou no Brasil, sobretudo, no período ditatorial militar (KAMINSKI, 2018).

O movimento colaborativo que se desdobra na atualidade, mantém certas características, em especial, a coletividade, a busca do compartilhamento do consumo - como é o caso da carona - e a busca por um distanciamento do termo "turista", que muito ficou associado à prática massiva e causadora de grandes impactos negativos às localidades. É interessante aos viajantes serem percebidos mais como "locais" do que como "visitantes", o que se associa ao desejo de interagir e criar vínculos com os moradores da localidade visitada (COSTA, 2021).

No entanto, as viagens colaborativas apresentam novos contornos e bandeiras muito difundidas entre os integrantes das redes. O discurso da sustentabilidade se coloca dentre os viajantes como uma das grandes preocupações, tanto que até mesmo grandes cidades turísticas, como Amsterdã, buscam criar mecanismos de fortalecimento ao consumo compartilhado (DREDGE; GYIMÓTHY, 2017). Não obstante, os formatos e tipos de interações sociais correspondentes aos processos colaborativos atuais só puderam se concretizar a partir da criação e do uso das plataformas digitais, que contribuem para reforçar as negociações e permitem novas possibilidades de agrupamentos em rede. A utilização de ferramentas e recursos tecnológicos inerentes ao capitalismo contemporâ-

neo e informacional (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009) para buscar alternativas de consumo que fogem aos ideais tradicionais do consumo torna este movimento mais complexo.

Mediação tecnológica, fricções e assimetrias

O ato de se aventurar pelas estradas em um período de repressão política em favor de um modo de vida mais libertário estava apartado das mediações tecnológicas que conhecemos hoje. A articulação entre os viajantes alternativos ocorria até mesmo de forma velada, com o intuito de evitar que fossem perseguidos pelas forças policiais e militares. O chamamento ao movimento era feito, muitas das vezes, por meio das músicas. Como a canção composta por Gilberto Gil e Liminha e lançada em 1984, "Vamos fugir".



Vamos fugir deste lugar, baby!

Vamos fugir

Tô cansado de esperar

Que você me carregue

(Trecho da música Vamos fugir,
de Gilberto Gil e Liminha, 1984)

Para parte dos viajantes contemporâneos que buscam as práticas colaborativas, a influência da rebeldia contracultural ainda se apresenta, porém, com a inclusão/trans- formação de alguns elementos. Com o desenvolvimento e a popularização da Internet no mundo, o mercado do turismo se beneficiou das ferramentas disponíveis de venda *online* e rapidamente se expandiu nos meios digitais. As viagens de massa foram perdendo um pouco de seu espaço para as viagens mais segmentadas e mesmo personalizadas que o mercado passou a criar, como forma de expansão ligada às características do modelo capitalista vigente, mais flexível (LASH; URRY, 1987). As transportadoras, os meios de hospedagem, as agências de viagens e uma série de empresas que constituem o mercado de turismo, se informatizaram e construíram presença nos meios digitais e *online*.

No cenário atual, a intensa utilização de plataformas digitais transforma essas ferramentas de meros suportes a produtoras do social, no que Van Dijck, Poell e De Waal

(2018) intitulam de "plataformização da cultura". Alijadas de neutralidade, as plataformas atuam como mídias sociais que participam de nossas vidas em diferentes âmbitos, como utilizar um serviço de transporte privado, encontrar um parceiro sexual ou organizar a própria viagem. São tantos os serviços turísticos ofertados em plataformas digitais, que podemos entender o movimento como uma 'plataformização do turismo'. Dentre os mais diversos exemplos que podemos indicar estão as *online travel agencies*, ou agências de viagem online, como a Booking.com, as plataformas de avaliação de serviços, como o TripAdvisor e as plataformas de hospedagem em residências, como a Airbnb (com fins lucrativos) e o Couchsurfing (sem fins lucrativos).

No que tange à hospedagem colaborativa, a oferta de residências em redes organizadas *online* por meio de plataformas digitais sugere alguns perfis. Viajantes que desejam se apropriar dos destinos como um local e/ou que buscam somente uma redução de custo da sua viagem, o que tem se tornado também um negócio bastante promissor. Algumas empresas se colocam como intermediárias entre os viajantes e os anfitriões, lucrando a partir de taxas de serviços e anúncios publicitários. Outras, sem fins lucrativos, buscam ampliar o acesso das viagens e contribuir para mudanças nos modos de viajar.

Os discursos em torno da liberdade continuam dentre os jovens, contudo as tensões acerca das identidades de gênero, etnia e orientação sexual vigoram em um campo onde os movimentos sociais feministas, negro e LGBTQIAP+ se fortalecem. Muitas das narrativas reproduzidas em algumas plataformas, como a rede Couchsurfing, que prega um ideal de viagem baseado na troca não monetária de hospedagem, denotam os valores a partir da ideia de comunidade e compõem a imagem que se forma da marca, que para Fontenelle (2002), está diretamente associada ao consumo de estilos de vida. "Viaje como um local", é o lema do Airbnb. "Compartilhe experiências autênticas de viagem", defende o Couchsurfing. "Uma rede focada na valorização da cultura negra", é como se identifica o Diaspora.black. Essas empresas constroem seu significado a partir do que existe no mundo além das imagens expostas nas plataformas e se baseiam na historicidade e em valores sociais, uma materialidade das significações.

Algumas dessas plataformas também resultam de movimentos políticos e sociais que buscam democratizar o acesso às viagens e estimular diferentes modos de viajar (COSTA, 2021). São iniciativas, a princípio, sem fins lucrativos, e que já reúnem uma grande quantidade de participantes, como é o caso dos grupos de brasileiras vinculados ao Facebook. O Couchsurfing das minas e trans #Elenão, o Couchsurfing das minas

na Europa e o Couchsurfing das Pretas, que unem as práticas colaborativas aos ideais ativistas feministas, onde punham as interseccionalidades, e incitam um maior agenciamento desse perfil de usuário. As participantes compartilham nas redes informações e dicas sobre as viagens e discutem sobre como é ser uma mulher viajante em diferentes destinos turísticos. De modo geral, elas realizam viagens de baixo custo, pedindo caronas e se hospedando nas residências umas das outras, oportunidades impulsionadas pelas plataformas digitais.

O Couchsurfing das minas e trans #Elenão foi o primeiro dos três a ser criado, em 2014. Ele enfatiza o tom político e identitário no nome, ao incluir dentre as integrantes as mulheres transsexuais, após algumas discussões no grupo. O #Elenão se refere ao posicionamento político contra o ex-presidente da república Jair Bolsonaro, que manteve uma política autoritária e repressiva contra grupos socialmente oprimidos, como as mulheres e a comunidade LGBTQIAP+.

O Couchsurfing das Pretas surgiu em 2015, em razão de conflitos ocorridos no primeiro grupo. As mulheres pretas não se sentiam totalmente acolhidas pelas mulheres brancas e decidiram criar um grupo fechado de acordo com seus anseios. Já o grupo Couchsurfing das minas na Europa foi criado em 2016 para concentrar as articulações em torno da troca de hospedagem e informações sobre viagens exclusivamente na Europa.

Esse viés colaborativo, contudo, não se limita à coesão de uma produção coletiva harmônica, de uma participação horizontalizada mais democrática e politizada. Neste cenário, há também muitas desigualdades no acesso aos meios por grande parte da população. Murdock (2013) ressalta que nas mídias digitais, há problemas como o crescimento dos fundamentalismos, que provocam o fechamento dessas redes a quem é de fora, marginalizando-os; a consolidação dos estados de segurança, que intensificam os mecanismos de vigilância por meio da participação de todos; e a adoção global da mercantilização, em que poucas organizações têm acesso a uma série de dados que são negociados e vendidos a outras empresas. As fricções regulatórias das plataformas, materializadas em seus algoritmos e gramáticas excludentes, somam-se às fricções regulatórias típicas do funcionamento do turismo, como os passaportes, os vistos, as alfândegas. As desigualdades nos acessos são constituintes do regime das mobilidades, conforme Freire-Medeiros e Lages (2020) explicitam e evidenciam as estruturas de poder vivenciadas pelos viajantes.

O surgimento desses grupos aqui pesquisados e de tantos outros relacionados à hospedagem colaborativa mais segmentados são decorrência de uma série de problemáticas ocorridas em plataformas mais gerais, como o Airbnb e o Couchsurfing. Alguns dos usuários da plataforma Couchsurfing alegam que após uma mudança para a tipologia *B-corp* houve uma série de mudanças que desagradaram muitos membros da rede mais antigos, conforme reportagem do jornal *The Guardian* de 2011. As chamadas *Benefit Corporations* fazem parte de uma tipologia certificada pela *B-Lab*, organização que intenta contribuir para a construção de uma nova legislação nos EUA, situando as *B-Corps* entre as organizações sem fins lucrativos e as empresas lucrativas, que buscam resolver problemas ambientais e sociais.

Uma das queixas veio principalmente das mulheres, que relataram um sentimento de insegurança na plataforma em relação à interação com homens que faziam o perfil na plataforma com o intuito de selecionar uma parceira sexual, por exemplo. No caso da plataforma Airbnb, a querela envolveu denúncias de discriminação racial vividas principalmente por negros e asiáticos. Seus pedidos de hospedagem constantemente negados e as ofertas de hospedagem menos disponibilizadas dentre as buscas despertaram suspeitas dentre os usuários, discriminação que posteriormente foi comprovada por estudos como o de Edelman e Luca (2014).

Após diversas mobilizações contra problemas desta seara envolvendo as plataformas digitais que pregavam a colaboração e o compartilhamento como principais bandeiras, o movimento se fragmentou e alguns grupos se mobilizaram na construção de ambientes mais favoráveis de interação e trocas. A hipermobilidade tão valorada socialmente, também revela grandes assimetrias que diminuem ou ampliam os acessos às viagens de acordo com características como cor, gênero e classe (SHELLER, 2018). As fricções envolvendo esses marcadores sociais revelam modos distintos de experimentação das viagens, tanto nos movimentos contraculturais das décadas de 1950 e 1960, quanto nas dinâmicas colaborativas atuais que envolvem as plataformas digitais. Nesse jogo de poder e dominância, coletivos de mulheres, negros e a comunidade LGBTQIAP+ realizam movimentos astuciosos para driblar as políticas de negação que tanto os afeta e talvez buscar o que Sheller (2018) defende como uma "justiça das mobilidades", que minimiza algumas das ancoragens que dificultam o acesso às mobilidades desejadas.

Metodologia

Nosso caminho metodológico segue uma abordagem qualitativa, de cunho etnográfico. Partimos de uma fundamentação teórica sobre os movimentos contraculturais e colaborativos e as mediações tecnológicas. Como temas transversais, porém de extrema relevância para a discussão, estão os estudos feministas interseccionais, visto que tratamos especificamente da articulação de redes de mulheres.

A parte empírica do trabalho inclui uma etnografia multisituada (MARCUS, 2011) nos grupos Couchsurfing das minas e trans #Elenão, Couchsurfing das Pretas e Couchsurfing das minas na Europa, vinculados à plataforma Facebook. O caráter multisituado e móvel da metodologia está no acompanhamento de ações em meios digitais e *online* em diversas partes do Brasil e do mundo, em razão da hipermobilidade das interlocutoras, que inclui o movimento físico das pessoas em razão do turismo ou das migrações, dos objetos que as acompanham, das ideias e das comunicações (BUSCHER; VELOSO, 2018).

Além do acompanhamento ativo das interações que ocorreram nas redes entre os anos de 2017 e 2022, também foram realizadas entrevistas em profundidade com treze participantes, que foram selecionadas a partir de uma análise dos comentários nas redes. As participantes que foram entrevistadas se demonstraram bastante ativas nos grupos e possuem experiências distintas nos modos de uso das plataformas e nas práticas de viagem. Algumas entrevistas aconteceram de forma presencial e outras *online*.

Pude estabelecer um contato maior com algumas das interlocutoras na Europa, em ocasião do período em que morei em Madri, para a realização do estágio doutoral na Universidade Complutense de Madri. Conversei com algumas integrantes dos grupos que estavam morando na Europa e buscavam criar vínculos sociais com outras brasileiras que estavam pela Europa. A minha mobilidade enquanto pesquisadora se desenhou a partir das relações que estabeleci com elas e também quando recebi em minha residência no Rio de Janeiro uma das participantes que pediu hospedagem em um dos grupos. Os passeios que fizemos juntas, as conversas *online* e *offline* no Rio de Janeiro e em Madri, compuseram as experiências móveis desta pesquisa.

Analizamos as plataformas utilizadas, suas ferramentas e instrumentos que contribuem para a realização das viagens pelas mulheres pesquisadas. Partimos da ideia de que as gramáticas desses mediadores tecnológicos podem modular certos comportamentos de viagem entre as participantes, algo que se afasta da realidade dos

movimentos contraculturais das décadas de 1950 e 1960. Os ambientes *online* e *offline* são considerados aqui, não como realidades distintas e apartadas uma da outra, mas como partes dialógicas de um contexto social complexo. Por essa razão, são adotados métodos de observação e análise digitais para pensar a realidade social em questão, no que Miller (2018) descreve como antropologia digital.

As análises sobre os dados empíricos partiram da classificação em eixos que incluíram estilo de vida colaborativo, ativismo, formação de redes de apoio e usos das plataformas digitais. Todas as subtemáticas foram exploradas nas entrevistas e na observação no campo. A seleção das entrevistadas ocorreu a partir de critérios que incluem o nível de interação na plataforma, a ressonância das publicações (medida a partir dos comentários e reações) e a relação com discussões sobre tópicos de interesse, como racialização, feminismo, orientação sexual e conflitos políticos.

Resultados e discussão

Em pleno movimento
Meu corpo é um instrumento
Eu sopro aos sete ventos
Pra você me escutar
Pra você me ver
Pra me ouvir falar
Disso tudo
Essa melodia não acaba
Quando eu resolver parar de cantar!
(Trecho da música "Com a boca no mundo",
de Rita Lee, 1976)

Na literatura de viagem se destacam como grandes exploradores e aventureiros figuras como Marco Polo, um mercador veneziano que descreveu sua visita à Ásia aos Europeus no século XIV no livro *As viagens de Marco Polo*. Passados centenas de anos, mesmo com o desenvolvimento do mercado turístico na Europa e em outros continen-

tes, as viagens continuaram a ser protagonizadas em grande parte por homens brancos. Kaminski e Vieira (2020) apontam uma restrição de acesso às viagens pelas mulheres no período da contracultura, pois a elas ainda estava destinada a tarefa do cuidado e à conduta submissa. Os homossexuais tampouco eram incluídos nesse tipo de mobilidade, visto que a prática indicava certa virilidade entre os viajantes.

Às mulheres negras, as mobilidades turísticas eram uma realidade ainda mais distante. No período ditatorial militar do Brasil, intelectuais como Beatriz Nascimento (1976) e Lélia Gonzalez (1984) já discorriam sobre a condição de subserviência e objetificação sexual na qual as mulheres negras eram submetidas. Elas iniciaram no Brasil as reflexões acerca das disparidades de tratamento entre as mulheres na sociedade, trazendo à baila novas interpretações sobre o feminismo e os atravessamentos de cor, classe e etnia.

Os inúmeros entraves sociais que os diferentes corpos femininos se defrontavam, contudo, não impossibilitaram que alguns grupos de mulheres viajassem como forma de resistência. No período da ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1985, ainda que fossem minoria, elas já se articulavam politicamente. Buscavam romper com as ideias impostas pelos governos vigentes altamente autoritários e que puniam violentamente o movimento hippie acusado de ser uma arma comunista. A movimentação era transgressora, pois incluía desde a luta armada até o engajamento às viagens contraculturais, que representavam uma emancipação social das mulheres. (KAMINSKI; VIEIRA, 2020)

Nas viagens colaborativas da atualidade, o desejo de rompimento com uma estrutura patriarcal ainda é uma das tônicas das redes. O acolhimento entre as mulheres é praticado em tom de reciprocidade entre elas, que se referem umas às outras como "manas". Tal chamamento nos evoca a teoria da dádiva de Marcel Mauss (1925), em que o termo *mana* caracteriza uma doação de si que cria vínculos sociais. Em suas análises baseadas em etnografias realizadas por diferentes antropólogos e etnólogos em sociedades tradicionais, Mauss avaliou que o dom é um fenômeno que participa de toda a vida social e fundamental para a sociedade, seja pelas trocas de bens materiais ou por gestos. Essas dinâmicas de trocas foram percebidas em diferentes contextos sociais, nos possibilitando traçar um paralelo com as trocas solidárias entre as mulheres viajantes.

A estudante de matemática de 27 anos, Roberta, nos informa como foi o início de sua participação nos grupos colaborativos entre mulheres.

Eu comecei a ficar sabendo sobre hospedagem e receber pessoas através da minha companheira,

em 2016. Ela contava muitas histórias porque ela uma vez saiu pra viajar e ficou um tempo fora viajando, uns sete meses eu acho, não sei ao certo e ela ficava falando muito e isso foi me inspirando, no mesmo ano eu já comecei a receber pessoas. Então em 2016 eu já comecei a participar dos grupos. O das Pretas foi mais recente, eu comecei a participar do grupo das Pretas em 2019 ou no final de 2018, porque em 2019 a gente recebeu uma das organizadoras do grupo. Ou foi final de 2018 ou foi início de 2019, o resto eu já estou há mais tempo. 2016, 2017 foi eu comecei essa vida. (ROBERTA, 2020).²

A entrada "nessa vida" caracteriza esse outro modo de agir baseado na coletividade e na colaboração, que vai além das viagens e contribui para a criação de vínculos entre elas. O desejo de reciprocidade vem das afetações construídas nesses processos de interação que têm o potencial de firmar laços de amizade. A designer Isabel, de 25 anos, nos conta com muito entusiasmo sobre como recebeu ajuda de outras mulheres que a recebiam em suas casas, indicavam os melhores lugares para ir, davam conselhos e dicas para prezar pela segurança nas viagens, a ensinavam a viajar sozinha. "[...] Eu sempre senti um acolhimento muito grande e uma gratidão muito grande em pensar: As mulheres estão salvando o mundo! Isso mesmo! [risos]"

As interações no grupo incluem informações sobre viagens econômicas, a possibilidade de pegar carona, ou sobre formas possíveis de trabalhar como voluntária para viajar mais vezes. Este último tópico enfatiza trabalhos em albergues, fazendas orgânicas e espaços onde é possível aprender ofícios que se aproximam aos ideais colaboracionistas, como o trabalho com bioconstrução em que Isabel participou.

Mas, neste círculo pesquisado, as interlocuções se baseiam em afirmações identitárias, em grande parte. Assim como Roberta e Marta, todas as outras entrevistadas explicitaram seus agenciamentos em torno das viagens com base na colaboração. Apesar de haver, mesmo dentre as interlocutoras, a realização e incentivo à prática de viagens solo muito comuns nas práticas de turismo atuais, há também um apoio da rede para colocar os planos em prática e mesmo a articulação para os encontros presenciais entre elas. São movimentos em torno da emancipação feminina, incluindo a interseccionalidade do feminismo, tendo em vista as discussões e até mesmo os conflitos em torno das diferenças entre elas.

A busca por uma "justiça das mobilidades", levantada por Sheller (2018), engloba questões políticas e disputas de poder, em que as forças dominantes determinam quem pode se mover e como. Neste sentido, o gênero, a classe, a etnia e a orientação sexual são características centrais nestes processos. Por essa razão, muitas das integrantes negras planejam suas ações de modo a priorizar a ajuda e o acolhimento a outras mulheres negras, como Roberta ressalta.

Pessoas pretas às vezes podem ter mais dificuldades de serem acolhidas, então eu priorizo receber pessoas pretas. Pessoas LGBTQs podem ter mais dificuldades de serem acolhidas, eu não tenho dados sobre isso, é mais a questão da vivência mesmo. Até porque eu pertencço a esses grupos, então eu priorizo receber esses grupos e me sinto em casa sendo recebida por esses grupos, então se as pessoas me acolhem... (ROBERTA, 2020).

Neste mesmo sentido, a estudante de ecologia Noah,³ que se autodeclara transsexual, ressalta sua motivação por participar do grupo Couchsurfing das minas e trans #Elenão, ainda que não esteja tão satisfeita com a forma como as pessoas do grupo interagem.

Eu não acho o grupo perfeito. Tem várias situações complicadas que acontecem lá dentro, de racismo e até mesmo transfobia, mesmo sendo um grupo cujo o título pretende ser de minas [meninas] e trans [transexuais], tem interseccionalidades coexistindo ali dentro que acabam uma hora ou outra trazendo situações que não proporcionam toda essa segurança, todo esse espaço de paz e harmonia que talvez tenha sido a proposta na criação. Mas ainda assim, é um espaço onde é possível encontrar muito apoio, pessoas legais e ter um pouco de experiências boas porque, ainda que não seja perfeito, o fato de ter uma proposta como princípio acaba proporcionando esse espaço para as pessoas que estejam na mesma intenção consigam se encontrar ali dentro. (NOAH, 2020)

Os conflitos gerados nos grupos sinalizam os desafios que existem na interseccionalidade do feminismo, mesmo em redes que se posicionam discursivamente a favor da diversidade social. As interlocuções constroem, continuamente, o movimento, que tem falhas, mas que preza por democratizar as mobilidades turísticas. Ao fazerem uso de plataformas digitais, estas redes se inserem também nos processos comunicativos que mantêm dissonâncias e assimetrias em suas próprias gramáticas.

Considerações finais

O desejo de liberdade nas ações e comportamentos é o que mais aproxima os movimentos colaboracionistas e contraculturais. Pudemos observar este diálogo nas análises sobre os estilos de viagem, especialmente das mulheres. Além de prezar pela coletividade, ambos buscam a emancipação dos corpos frente a políticas repressivas, muitas delas vindas do próprio Estado (KAMINSKI, 2018; CHAVES JUNIOR, 2013; SELLER, 2017). As interlocuções promovem uma maior mobilidade das integrantes frente às ancoragens interpostas por assimetrias sociais. E esses agenciamentos são em grande parte movidos pelo desejo de reciprocidade, que faz alusão à teoria da dádiva de Marcel Mauss (2015), em sua tríade dar-receber-retribuir.

Dentre as dissonâncias dos movimentos, está principalmente o uso intenso das tecnologias digitais, com suas parcialidades e assimetrias inerentes à estrutura capitalista neoliberal vigente (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018). Elas não somente facilitam as interações entre um grande número de pessoas, como oportunizam a comunicação imediata mesmo entre pessoas que estão em cidades ou países distintos. Assim, as “manas” trocam ideias, informações, palavras de motivação e empoderamento na tentativa de reparação de tantas violências e negações vivenciadas por mulheres, em especial, as negras (NASCIMENTO, 1976; GONZALEZ, 1984).

O cunho político de ambos os movimentos é nítido, porém com contornos próprios às experiências e realidades dos jovens em questão. O protagonismo dos corpos está na ruptura de padrões que perpassam o desejo de liberação sexual e de identidade de gênero. Reivindicações perante uma sociedade que ainda mantém muitos padrões, muita opressão e discriminação, mas que deixa passar por entre as frestas, movimentos astuciosos (DE CERTEAU, 2007) de pessoas plurais que veem na coletividade uma forma bastante potente de impulsionar uma “justiça das mobilidades” (SELLER, 2018).

Notas

1 Este trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida como tese de doutorado da primeira autora, orientada pelo segundo autor.

2 Roberta foi entrevistada no dia 10 de março de 2020 por videoconferência. No momento ela morava em Florianópolis.

3 Noah foi entrevistada em 21 de novembro de 2020 por videoconferência.

Referências

- BUSCHER, M; VELOSO, L. Métodos Móveis. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, 2018, v.30, n.2.
- CHAVES JUNIOR, V. W. Geração beat: uma arte entre amigos. **Ponto-e-vírgula**, 2013, 12: 219-238.
- COSTA, T. Viagens como meio de comunicação política: mediações tecnológicas e discursos identitários em redes de hospedagem colaborativa para mulheres. Tese de Doutorado, **Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, 2021.
- CUTLER, C. Subcultures and Countercultures. C. Cutler. In: **Encyclopedia of Language & Linguistics** (Second Edition), p. 236-239, 2006.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DREDGE, D.; GYIMÓTHY, S. (ed.). **Collaborative economy and tourism**. Perspectives, politics, policies and prospects. Cham: Springer, 2017.
- EDELMAN, B. G. and LUCAS, M. **Digital Discrimination**: The Case of Airbnb.com. Harvard Business School, 2014, NOM Unit Working Paper No. 14-054. SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2377353> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2377353>.
- FONTENELLE, I. **O nome da marca**. Mc Donald's, fetichismo e cultura descartável. São Paulo: Boitempo, 2002.
- FREIRE-MEDEIROS, B.; LAGES, M. P. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 123 | 2020, consultado a 05 de dezembro 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/11193>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.11193>
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências sociais hoje**. Anpocs, 1984, p.223-244.
- KAMINSKI, L.; VIEIRA, D. Rosa dos ventos no peito: mulheres, viagens e contracultura. **Revista Equatorial**, 2020, v.7n.12| jan/jun.
- MILLER, Daniel. Digital Anthropology. In: STEIN, F *et al* (ed.). **The Cambridge Encyclopedia of Anthropology**. 2018. <http://doi.org/10.29164/18digital>.
- NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. Artigo publicado originalmente no Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, domingo, 25 de julho de 1976. In: UCPA (org.). **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. Coletânea organizada e editada pela UCPA - União dos Coletivos Pan-Africanistas. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 80 - 85.

